

# JAITY MURO

Karla Neves  
Rossandra Cabreira  
Júnia Pereira

## SOBRE AS INTEGRANTES DO GRUPO ORENDIVE

**KARLA NEVES** é atriz, performer, diretora teatral, professora e mãe do Joaquim. Curiosa em Teatro e Educação, Teatro e interação, arte e feminismos, Teatro do Oprimido, Teatro Dialético, Teatros de Rua e Performance.

**ROSSANDRA CABREIRA** nasceu na Aldeia Jaguapiru, em Dourados/MS, onde trabalha como professora de língua kaiowá. Realizadora audiovisual, atriz e escritora de literatura indígena. Atualmente, é mestranda em Educação e Territorialidade pela FAIND/UFGD.

**JÚNIA PEREIRA** é atriz, dramaturga, professora e produtora cultural. Vive e trabalha em Dourados/MS desde 2015.

**JAITY MURO**

Karla Neves, Júnia Pereira e Rossandra Cabreira.

Texto de Júnia Pereira e de Rossandra Cabreira (Kunha Poty Rajegwa), criado em um processo coletivo/colaborativo que envolveu as artistas Júnia Pereira, Karla Neves e Rossandra Cabreira, entre agosto de 2017 e março de 2018, em Dourados, Mato Grosso do Sul. O espetáculo segue vivo desde então, tendo realizado diversas apresentações em Dourados e Campo Grande/MS entre 2017 e 2020. Nesse período, a dramaturgia se alterou de acordo com o contexto de cada apresentação e, também, de acordo com as vivências de cada atriz/performer, conforme foram se modificando as perspectivas de cada uma em relação ao seu próprio texto.

### PERSONAGENS/PERFORMERS

**Júnia Pereira** — Artista e professora universitária, 36 anos. Casada com Dulcinéa, sem filhos. Moradora do bairro Parque Alvorada, Dourados/MS.

**Rossandra Cabreira (Kunha Poty Rajegwa)** — Artista e professora do ensino fundamental em escola indígena, 39 anos. Casada com Juvenal, mãe de Jussandro, Letícia, Thaila e Nahuana, e vó de Anabely Sofia. Moradora da Aldeia Jaguapiru, Reserva Indígena de Dourados/MS.

### PRÓLOGO

#### RECEPÇÃO

*Numa antessala ou foyer, estão servidos, para o público que chega, café e mandioca frita. Há uma exposição com imagens do processo criativo. Júnia e Rossandra recebem o público, cumprimentam, conversam, oferecem papel e caneta, e pedem para que o público escreva cartas, bilhetes ou mensagens contando uma experiência ou impressão sobre a vida na cidade de Dourados, podendo ser do espaço urbano, do espaço da Reserva Indígena, ou de ambos. A um chamado das atrizes, o público deixa a antessala ou foyer e adentra o espaço cênico, que está dividido ao meio por um muro cenográfico.*

Júnia — Boa noite! Agora vamos passar para um outro espaço e vocês vão ver que ele vai estar dividido, que vai ter uma barreira, um muro. Muros estão em toda parte... podem ser concretos, simbólicos, agressivos, sutis, imateriais, concretos... Fiquem à vontade para

escolher o lugar de vocês no espaço. Nem sempre podemos escolher, mas é a partir de um lugar sempre limitado que a gente vive e vê...

Rossandra — Boa noite, fico muito feliz pela presença de vocês, vamos passar para outro espaço. Ali vai ter dois lugares onde vocês podem escolher, dependendo do lugar que você escolher sempre vai ter um muro te atrapalhando de onde você estiver assistindo. Vamos entrar?

#### **CENA 01**

##### **O ESPAÇO DE CADA UMA**

*O público é convidado a se sentar, escolhendo um dos lados do muro. Enquanto o público se acomoda, são projetados dois vídeos diferentes, cada um de um lado do muro cenográfico. Do lado de Júnia, as imagens a mostram (seus pés) caminhando pelas ruas da cidade, em seguida o momento em que chega em casa, lava os pés e toma café. Do lado de Rossandra, as imagens mostram as paisagens da aldeia Jaguapiru, na Reserva Indígena de Dourados, onde Rossandra reside, depois a mostram fazendo artesanato em sua casa e lavando os pés no rio. Ao fim dos vídeos, Júnia e Rossandra iniciam ações cotidianas enquanto relatam ao público um pouco das percepções de cada uma.*

**Rossandra** — Vejo o mato ao lado de casa, minha gata, árvores, sombra, vejo as pessoas se preocupando, vejo cotia andando, vejo lagarto andando.

**Júnia** — Da minha janela, vejo a cerca elétrica. Vejo a rua asfaltada, do outro lado da rua vejo a grade do portão do vizinho. Às vezes, atrás

das grades, um gato ou um cachorro me olha. Vejo a grama verde do vizinho, flores. Não vejo quase ninguém.

**Rossandra** — Meu olhar, atrás da mata verde, queria olhar e ver matas, rios, peixes e animais, mulher fazendo artesanato, suas cestas, tecendo redes, cantando e feliz por apenas viver... Queria ouvir tocar o *mimby* que hoje não se ouve mais, queria que as pessoas não estivessem tão preocupadas com dinheiro, com contas pra pagar, que fossem livres para correr, nadar, pular, comer e plantar...

**Júnia** — Vejo a tela do computador, do celular. Vejo as fotos dos meus amigos em festas, estão sorrindo, se divertindo em lugares bonitos, com pessoas legais, comendo coisas gostosas, viajando... nas fotos. Vejo páginas de internet, abas que se abrem azuis, trazem notícias, análises, comentários.

**Rossandra** — Mas vejo sofrimento no olhar de pequeninos, não tem mais floresta, não tem mais rio, não tem plantação, tudo é ilusão...

**Júnia** — Às vezes, passo o dia inteiro sozinha na minha casa, sem ver ninguém de verdade. Eu moro aqui há alguns anos, mas eu não sei o nome do meu vizinho, ele entra e sai de carro, eu não vejo seu rosto. Na minha rua também quase não passa ninguém a pé. Então às vezes eu quero ir ao centro da cidade, encontrar as pessoas que moram aqui, olhar no rosto delas. Então eu vou pra rua mas não encontro gente, vejo lojas, vitrines... Na praça central, vejo estátuas de bandeirantes... heróis ou assassinos? Vejo caminhonetes, vejo num

outdoor uma propaganda de escola de inglês para crianças de dois anos de idade. Então olho para o céu, o céu azul e amplo de Dourados... *Pausa longa.*

**Rossandra** — Vejo os guerreiros lutando pelos seus direitos, uns morrem e outros vivem para contar às crianças que ainda há esperança nos olhares sofridos e pronto pra lutar.

**Júnia** — *A alguém do público.* O que você ouve? Eu ouço barulhos de construção, estão sempre construindo, barulho da máquina de fazer concreto girando, ouço barulho de música ao longe, fanfarras de sete de setembro, aqui na fronteira tem muitos militares. Ouço barulhos de automóveis passando na minha rua. Pássaros no meu quintal. E o vento: uuuuuuuuuuuuuuu... *Pega um pacote de biscoito recheado e come com voracidade.*

**Rossandra** — *Faz mate e toma.* Como ouvir coisas que me deixem bem? Quando é de dia escuto silêncio do ar, do vento, do canto dos pássaros... Os cheiros das flores são os que me deixam viva. Sinto cheiro da comida: mandioca assada queimando e cheiro de batata assada e milho queimando na hora da janta. Isso significa que está na hora de comer. *Tenta tecer, não consegue.* Já não consigo mais fazer a minha rede.

No meu *tekoha* sinto cheiro de ar puro vindo do mato, ar úmido. Sinto cheiro de flores da mata, cheiro de batata assada, mandioca e milho assado. Quando chove sinto o cheiro da terra que me traz

lembranças boas das histórias dos meus avós... Sinto cheiro de comida sendo preparada no meu *tekoha*...

**Júnia** — Sinto muito sono de manhã. *A alguém do público*. Você sente? Às vezes, acordo e não tenho vontade nenhuma de me levantar da cama. Será que isso é normal? Fico muito ansiosa quando vou começar um trabalho. Sinto vontade de comer coisas gostosas e doces, e às vezes não sei bem do que mesmo eu tenho vontade... *Júnia lê baixinho para alguém do público um trecho da obra Um teto todo seu, de Virgínia Woolf*. “Nada no mundo pode tirar de mim as quinhentas libras que me pertencem. Comida, casa e vestimentas são minhas para sempre. Portanto, não somente cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não têm nada para me dar!”.

**Rossandra** — Vou contar uma estória para vocês. *Pega o livro da autora indígena Cunchã Tapy e lê o seguinte trecho*. “As mães guaranis também gostam de brincar com os seus filhos, afinal de contas eles querem se divertir como qualquer outra criança, porém às vezes temos que educá-los com umas boas palmadas, diz Cunchã Tapy<sup>2</sup>.”

[...]

1. WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014, p. 58.

2. TAPY, Cunchã. *A biografia de Cunchã Tapy: história e vida de uma índia guarani*. Dourados: Editor Nicanor, s/data, p. 29.